

CENTRO UNIVERSITÁRIO BELAS ARTES DE SÃO PAULO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - RELAÇÕES PÚBLICAS

**O PAPEL DA COMUNICAÇÃO DIGITAL NAS CAMPANHAS DE DONALD TRUMP
E JAIR BOLSONARO**

Fernanda Barros da Silva

Gabriela de Moraes

Orientador: Helton P. Santana

RESUMO

Durante as eleições dos Estados Unidos da América (2016) e do Brasil (2018), os candidatos à Presidência Donald Trump e Jair Bolsonaro pautaram suas campanhas no uso das mídias sociais e no afastamento da imprensa tradicional como estratégia. Este artigo, traz uma análise da comunicação realizada pelos candidatos em suas campanhas eleitorais sob a perspectiva das comunidades imaginadas de Benedict Anderson e a teoria da espiral do silêncio de Noelle-Neumann, apresentando as trajetórias dos candidatos para compreensão das particularidades e motivações por trás de suas vitórias.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação. Espiral do silêncio. Nacionalismo. Eleições. Jair Bolsonaro. Donald Trump

ABSTRACT

During the United States of America (2016) and Brazil's (2018) presidential elections, the candidates Donald Trump and Jair Bolsonaro used social media as campaign tools and maintained themselves away from the traditional press. Following the perspective of Benedict Anderson's imagined communities and Noelle-Neumann's theory of the spiral of silence, this article provides an analysis of the candidates' communications in their election campaigns, presenting their trajectories to understand the particularities and motivations behind their victories.

KEYWORDS: Communication. Spiral of Silence. Nationalism. Elections. Jair Bolsonaro. Donald Trump

INTRODUÇÃO

São muitas as semelhanças entre as campanhas que levaram Donald Trump e Jair Bolsonaro à Presidência de seus respectivos países. A estratégia de comunicação usada pelos candidatos revolucionou paradigmas da comunicação política ao usarem as mídias sociais como principal plataforma de comunicação com seu eleitorado. Além disso, utilizam em seus discursos políticos de uma linguagem simples e acessível para se aproximarem do público. Entretanto, ao mesmo tempo em que buscam cativar os eleitores, travam uma guerra com a mídia tradicional.

Esta pesquisa de iniciação científica dedicou-se a analisar as trajetórias eleitorais dos candidatos e entender suas motivações, estratégias e impactos dessa comunicação nos relacionamentos sociais e midiáticos. O artigo analisa as particularidades da construção de imagem e discurso dos candidatos e como estes apoiaram-se no nacionalismo em um momento de fragilidade política de ambos os países. Nos Estados Unidos da América Barack Obama 2009 - 2016 completava seu segundo mandato e, apesar de sua popularidade entre minorias, o 44º Presidente deixou parte da população insatisfeita com o avanço de pautas progressistas. Esta brecha pavimentou o caminho para que Donald Trump promettesse a volta do sonho americano. Já no Brasil, Dilma Rousseff 2010 – 2016 havia sofrido um impeachment durante a metade de seu segundo mandato em 2016, três anos após as Jornadas de Junho. Além disso, o país estava passando por um descontentamento com a classe política, principalmente com o Partido dos Trabalhadores (PT) – que estava há 14 anos ocupando a cadeira da Presidência da República – deixando abertura para que surgisse um candidato com uma plataforma assentada em um discurso anticorrupção após os escândalos da Operação Lava Jato¹.

Trazendo a perspectiva das comunidades imaginadas de Benedict Anderson, a pesquisa aborda o nacionalismo não apenas como ferramenta de aproximação de um político com seu povo e a luta pela nação, mas também a capacidade que cada indivíduo possui de imaginar comunidades ao encontrar seus pares dentro de grupos, seja por meio da fala e escrita ou por aproximação e pensamentos compatíveis, suprimindo a necessidade humana de pertencer a algo. Do ponto de vista da comunicação, Noelle-Neumann debate na teoria espiral do silêncio a capacidade de influência de grupos na formação de opinião, onde as principais características dos

¹ Maior iniciativa de combate a corrupção e lavagem de dinheiro na história do Brasil.

indivíduos se deixam ser um repetidor de opinião pelo medo da exclusão social. Dessa maneira, é importante entender a influência que tais padrões de comportamentos sociais, apontados pelos dois autores, em um contexto político polarizado.

1.1. COMUNIDADES IMAGINADAS

A nação, a nacionalidade e o nacionalismo são responsáveis por um debate na literatura por não possuírem uma definição científica exata. Diversos estudiosos já defenderam suas teses das causas e consequências de tal fenômeno, não sendo possível designá-las como certas ou erradas. Essa ausência de clareza na definição, em conjunto com a carência de paternidade – falta de historiadores próprios – permite que o nacionalismo seja encarado como uma crise social, quase que um infantilismo, como descreveu Tom Nairn em *The Break-up of Britain*, ou como uma ideologia. Por esta razão é necessário entender as motivações de cada corrente de estudo do nacionalismo, para que assim seja possível direcionar análises de acordo com contextos e finalidades. Apesar das divergências relacionadas a qual momento da história o nacionalismo surgiu e foi incorporado na sociedade, as duas vertentes de estudo (continuismo e modernismo) se encontram no que se refere aos elementos bases de uma nação.

Para Rodolfo Chagas (2017) os continuístas defendem a criação da comunidade nacional conforme valores como a língua, a religião, os símbolos, os mitos, se estabelecem em determinado grupo ligado a um território, e promovem a formação da identidade nacional. Embora os modernistas entendam a nação como um produto da modernidade, criado no século XVIII, seus fundamentos são semelhantes aos valores continuístas:

Para os modernistas, a nação não é um ente espiritual, presente desde tempos remotos no caráter dos povos, mas sim, um produto da modernidade, uma vez que grupos que partilhavam uma cultura comum e que não tinham consciência nacional, passaram a tê-la, à medida que o discurso nacional foi o principal instrumento para a consolidação dos Estados nacionais. Em outras palavras: língua, religião, símbolos, os quais tinham caráter essencialmente cultural antes da modernidade, passaram a ter uma característica eminentemente política. (CHAGAS, 2017, p. 39)

Um importante modernista foi Benedict Anderson, que defende, em *Comunidades Imaginadas* (2008), o nacionalismo como um conceito que desperta o

sentimento de pertencimento no indivíduo da mesma forma que a religião e o parentesco. Afastando-se da visão "essencial" de nação, onde há elementos naturais e estáveis e mantendo-se longe também da visão maquiavélica, que fala de um controle absoluto dos governos na composição dos Estados-nação, Anderson discute a nação, antropologicamente, como comunidades políticas imaginadas, limitadas e soberanas.

São comunidades, pois estabelecem a ideia de coletividade, independentemente de desigualdades e hierarquias sociais, a nação origina-se de forma horizontal, criando um vínculo emocional que faz com que milhares sejam capazes de matar e morrer para defendê-la. É imaginada, pois, em hipótese alguma todos os seus indivíduos se conhecerão, encontrarão ou ouvirão falar um do outro, mesmo em pequenas nações, o que os une é a simples ideia de identidade entre eles. Porém, comunidades, mesmo que imaginadas, apresentam fronteiras finitas, ou seja, mesmo com a globalização nenhuma se imagina como extensão única da humanidade, logo, são limitadas, não havendo possibilidades de todas as sociedades juntarem-se em uma só nação. Por fim, Anderson classifica as nações como soberanas, pois o nacionalismo nasce contemporaneamente com a deslegitimação dos reinos dinásticos e o reino divino, causada pelo Iluminismo e a Revolução Francesa. Além disso, a aceitação da existência da pluralidade religiosa fez com que as nações desejassem um tipo de liberdade que necessita de um Estado soberano.

Dessa forma, Anderson abre para discussão uma visão da condição nacional (*nation-ness*) como um produto cultural, afastando-se das ideias europeias focadas em aspectos sociais. Para ele foi a influência de fatores culturais que desencadeou a imaginação de comunidades (nações). Como, por exemplo, os efeitos culturais causados pelo expansionismo europeu, que, ao iniciar um processo de transferência de espaço, causou um impacto na formação civilizatória do território-destino. As sociedades formadas através das migrações tiveram seu curso cultural, social, e científico alterados, logo, sua forma de assimilar seus grupos e espaços foram influenciadas. O efeito dessa colisão cultural são as nacionalidades e nacionalismos criados por tais povos, de acordo com o processo de colonização sofrido em cada território.

Anderson indica o capitalismo tipográfico como um grande responsável na formação do nacionalismo, isso porque ofereceu fixidez às linguagens ao permitir a criação das línguas oficiais, próximas das línguas faladas e distante dos vernáculos

administrativos, utilizados apenas por um grupo seleto de pessoas. Isto é, quando os livros e jornais tornam-se produtos de consumo, a leitura individual pode ser compartilhada por diversos leitores falantes de tal língua, o que une e cria o sentimento de fazer parte de algo e estar conectado com outros. Nas Américas, foi a criação de jornais, que alavancou a indústria tipográfica primeiro nos Estados Unidos e mais tarde na América do Sul. Estas gazetas tratavam desde notícias sobre a metrópole, decretos políticos coloniais, até preços de mercadorias e datas de chegadas e partidas de navios. Dessa forma, eram criadas comunidades, de maneira natural e apolítica, entre um conjunto de leitores que se relacionavam e entendiam-se através destes navios, preços, bispos e decretos. No entanto foi apenas uma questão de tempo para que os elementos políticos fossem inseridos nestes jornais, criando mecanismos capazes de influenciar e controlar a disseminação de informações, nascida em conjunto com a letra impressa. Esta reprodutibilidade de conhecimentos transformou-se ao longo do tempo conforme os avanços da tecnologia, porém o seu uso para fins políticos ainda é explorado, a comunicação digital permitiu que ideais particulares fossem reproduzidos para grupos segmentados que passam a se imaginar como comunidades políticas que agem em prol daquilo que acreditam ser o melhor para a nação.

Dessa forma, mesmo que a onda de conservadorismo tenha crescido simultaneamente ao redor do mundo durante o século XXI, as motivações de cada população são distintas conforme o histórico político e social de cada Estado. Apesar de ambos candidatos ecoarem um discurso de amor e devoção ao seu país, a campanha de Donald Trump possui características de um nacionalismo visando a liberdade e a soberania, já o de Jair Bolsonaro, tem forte influência do fundamentalismo religioso. Assim, essas diferenças podem ser compreendidas como os reflexos deixados pela herança colonizadora de cada Estado, embora os dois tenham sido afetados pelo imperialismo europeu, enquanto o Estados Unidos emancipou-se por conta de uma política de abandono da Inglaterra, o Brasil enfrentou anos de colonização extrativista e sincretismo religioso até ter sua independência declarada por Portugal.

1.2. ESPIRAL DO SILÊNCIO

Elisabeth Noelle-Neumann, socióloga e cientista política alemã, iniciou os estudos que envolvem a hipótese da teoria espiral do silêncio em meados de 1960.

Buscando demonstrar, de forma objetiva, que a psicologia humana possui certas disposições durante a formação da opinião, sendo ela pública ou individual. Para apresentar a hipótese da espiral do silêncio, Noelle partiu de pesquisas realizadas nas eleições alemãs entre 1965 e 1971, investigando os mecanismos que influenciam os eleitores a se posicionarem e tomarem uma decisão.

A teoria espiral do silêncio conceituada por Noelle, parte do princípio do isolamento das pessoas, ou seja, baseia-se no comportamento apresentado pelos indivíduos quando se encontram em posição de minoria. Os estudos desenvolvidos pela socióloga investigaram desde respostas a situações do dia-a-dia dos alemães, até o comportamento durante o período eleitoral. Em uma observação feita por Noelle-Neumann (2017), durante o período de eleição da nova *Ostpolitik*², embora os grupos dos dois partidos representados estivessem iguais em número, não contavam com a mesma energia para se expressar publicamente e exibir suas convicções, o que fez com que a força dos partidos fosse avaliada incorretamente. Resultando em um cenário, onde o grupo que parecia mais forte do que era, explicitava cada vez mais seus posicionamentos, já o outro grupo permanecia em silêncio, mesmo divergindo da opinião dos demais. Essa inibição causou um estímulo para que as pessoas proclamassem suas opiniões ou as “engolissem” mantendo-se em silêncio até que, em um processo de espiral, determinado ponto de vista chegasse a dominar o cenário, ao passo que o outro desapareceria da consciência pública. A autora classifica esse processo como medo do isolamento e baixa autoestima, pois poucas pessoas se imaginam sendo vencedoras. Dessa forma, mesmo que a maioria não espere receber algo grandioso em troca ao apoiar o grupo vencedor, estar ao lado da maioria desperta o sentimento de pertencimento e “seguir a multidão” constitui um estado de relativa felicidade.

Noelle (2017) discorre sobre a aplicabilidade da teoria do espiral do silêncio aproximando-a cada vez mais do papel que os meios de comunicação e a mídia exercem sobre a opinião pública. Dessa forma, nos permite compreender como as ferramentas de difusão de informação participam da construção do senso comum e do processo decisório. Conforme Neumann (2017), o processo e a influência real da mídia são muito mais complexos e diferentes que modelo de conversa privada e

² *Ostpolitik* (em alemão, Política do Leste) nome dado para se referir à reunificação da Alemanha com o leste europeu.

individual que vem ganhando força na era digital. A internet, e toda a informação intrínseca a ela, possibilitou que os indivíduos se vissem não apenas como receptores, mas também formadores de opinião e notícia, tomando para si o papel de *gatekeepers* e moldando uma nova agenda midiática. Um exemplo atual do papel da tecnologia na formação de opinião e agendamento de pautas a ser discutido, é o uso dos *bots* em mídias sociais, como o *Twitter*. Nesta plataforma, robôs são programados para subir *hashtags* nos *trending topics* que nada mais são que a sessão de assuntos mais comentados do site. Essa estratégia se tornou característica da direita conservadora atual na esfera digital, no qual utilizam as mídias sociais tanto para atacar seus opositores, quanto para disseminar suas convicções de forma que suas opiniões se sobressaíam.

2. ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA: O PARADOXO DONALD TRUMP

Desde o início de sua carreira, à frente da *The Trump Organization*, Donald Trump chamava atenção pelo seu estilo de vida extravagante e suas opiniões e comportamentos controversos. Em 2006 tornou-se produtor executivo e apresentador do *reality show The Apprentice*, na NBC, consagrando-se como celebridade norte-americana. Porém, mesmo antes de ingressar na vida política, Trump já havia demonstrado interesse no assunto, filiando-se ao Partido Democrata, que mais tarde tornar-se-ia seu opositor. Seu primeiro ataque político foi direcionado ao 44º presidente dos Estados Unidos, dando voz ao movimento que questionava a nacionalidade de Barack Obama e se este teria direito de ocupar o cargo mais alto do país.

No entanto, este era apenas o início de declarações, consideradas xenófobas, que pontuaram sua campanha eleitoral, como a marcante promessa de construir um muro na fronteira com o México e deportar os 11 milhões de imigrantes ilegais, acusando-os de ser a fonte da violência sofrida no país. A mistura de seu histórico de celebridade com ataques à classe política despertou um eleitorado que buscava um representante que se comunicasse de uma maneira popular e antagônica ao *establishment*³. Os lemas “*Make America Great Again*”⁴ e “*America First*”⁵ resgatam

³ Grupo sociopolítico que exerce sua autoridade, controle ou influência, defendendo seus privilégios.

⁴ “Torne a América Grande Novamente”, termo cunhado por Ronald Reagan em 1980 e adotado por Donald Trump.

⁵ “América em primeiro lugar” termo que simboliza o nacionalismo de Donald Trump.

as raízes do nacionalismo pautadas no ódio ao outro e no auto sacrifício a favor da nação. Assim sendo, Trump não apenas recupera ideias dos grupos contrários à entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial na década de 40, mas também se mostra disposto a lutar pelo país, este esforço o ajudou a conquistar republicanos que carregam em si os frutos culturais do nacionalismo.

O grande paradoxo em relação a Donald Trump e ao Partido Republicano é o fato de que Donald Trump já foi filiado ao Partido Democrata e diverge das tradições e crenças republicanas sobre economia e política exterior. Para além das discordâncias estratégicas, se o *establishment* de fato existe, os líderes republicanos Paul Ryan e Mitch McConnell, são seus maiores representantes. Contudo, o eleitorado republicano sentiu-se atraído por suas polêmicas, e esteve disposto a perdoar até as falas mais ofensivas e diretas. Esse comportamento fez com que o partido reconhecesse o impacto que Trump causava na imprensa, e o identificasse como a figura que renovaria o posicionamento diante de assuntos tabus na política.

2.2. CORRIDA À CASA BRANCA

A corrida à Casa Branca iniciou-se em junho de 2015, com o anúncio de candidatura de Jeb Bush, que, mesmo um ano antes das Primárias, já era visto como favorito. No entanto, de maneira inesperada, sua pré-candidatura foi ofuscada na mídia por Donald Trump, que, apesar de não possuir experiência política, demonstrou compreender o espaço midiático o suficiente para utilizá-lo como ferramenta em seu favor, declarando:

Quando o México manda seu povo aos Estados Unidos, eles não mandam suas melhores pessoas. Eles mandam pessoas que têm um monte de problemas e trazem estes problemas para nós. Eles trazem as drogas, trazem o crime, são estupradores. E alguns deles, eu confesso, são boas pessoas. [...] Eu construiria um muro, e ninguém constrói muros melhor do que eu, acreditem. E eu faria de forma bem barata, eu vou construir um muro bem grande na nossa fronteira do sul. Eu farei o México pagar por ele.

Trump conquistou a atenção tanto da imprensa como da parte do eleitorado que não se sentia representada por republicanos mais tradicionais. O candidato dava declarações controversas para chegar às manchetes, usando os meios de comunicação ao seu favor, técnica que admite utilizar em seu livro *Crippled America*. A fórmula de seu discurso envolvia atitude e conteúdo: sua atitude atraía o público e

o conteúdo construía sua imagem política e expunha as intenções de seu possível governo. A visibilidade de Trump cresceu principalmente em redes sociais, nas quais encontrou liberdade para disseminar seus planos, expor suas propostas e intenções de governo. Essa resposta positiva de seu eleitorado, no *Twitter*, levou o candidato a demonstrar sua resistência a imigrantes muçulmanos e latinos. Um dos casos simbólicos foi a emissão de uma nota propondo que autoridades proibissem a entrada de muçulmanos nos Estados Unidos, após o ataque em San Bernadino, CA. Mais tarde em sua campanha, Trump reforçou sua maior promessa eleitoral, a de construir um muro na fronteira com o México, ao questionar a imparcialidade do juiz federal Gonzalo Curiel, cidadão norte-americano nascido em Indiana, que cuidava do caso de suposta fraude cometida pelo magnata com a falsa Universidade Trump⁶. O candidato afirmou “Vou erguer um muro. Isso representa um conflito de interesse inerente”, referindo-se à suposta descendência mexicana de Curiel.

O apoio sólido e recíproco vindo das mídias sociais fez com Trump ressignificasse o papel da grande mídia em sua campanha, assim, boicotou o último debate pré-primárias, realizado na *FOX News*, acusando a emissora de ser parcial. Em março, dois meses após o episódio, Donald Trump ganhou na Superterça⁷, e, em maio de 2016, Ted Cruz e John Kasich renunciaram às suas candidaturas, deixando livre o caminho para que Donald Trump fosse proclamado oficialmente candidato à Casa Branca, na convenção de julho.

Após serem nomeados os candidatos oficiais, Clinton (Partido Democrata) e Trump intensificaram críticas e ataques entre eles. De um lado, Trump utilizava discursos ambíguos o suficiente para não se comprometer, ao mesmo tempo em que chamava atenção da mídia e agitava sua base eleitoral. Por fim, embora Clinton tenha recebido 65.853.516 milhões de votos contra 62.984.825 de seu oponente, foi a campanha de Trump que se provou mais eficaz, pelo menos no que se diz respeito ao processo eleitoral norte-americano, que leva em conta a vitória nos Colégios Eleitorais. O empresário venceu em 29 Estados e somou 290 votos no Colégio Eleitoral: 20 a mais que os 270 necessários para se eleger presidente, enquanto

⁶ Em 2013, o promotor-geral de Nova York, Eric Shneiderman, denunciou Donald Trump por conduta fraudulenta, ilegal e ação enganosa ao chamar de universidade um conjunto de pequenos cursos sobre truques do mercado imobiliário.

⁷ “Super Tuesday” - uma terça-feira, geralmente do mês de março, em que ocorrem prévias simultâneas em diversos estados para escolha dos candidatos dos partidos Democrata e Republicano.

Clinton contou apenas com a vitória em 20 estados e na capital federal, o que representa 228 votos correspondentes no Colégio Eleitoral.

Mais tarde, já durante seu mandato, foi revelado um esquema de roubo de dados do *Facebook* que pode ter beneficiado sua campanha. Segundo as acusações feitas à época, uma empresa de tecnologia (*Cambridge Analytica*⁸) utilizou técnicas de personificação de dados para traçar sua estratégia de comunicação digital. Os anúncios nas redes sociais tinham a capacidade de impactar o público de acordo com a sua posição em relação aos candidatos segmentando-os entre pró-Trump e indecisos. Além disso, aqueles classificados como apoiadores do candidato eram incentivados a realizar *tweets* usando *hashtags* pré-definidas favoráveis a Trump.

3. BRASIL: O SOLDADO QUE VIROU POLÍTICO

Jair Messias Bolsonaro ingressou em 1974 na Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN), onde cumpriu 14 anos de carreira militar, recebendo a patente de Capitão do Exército brasileiro em seu 5º an. Jair Bolsonaro ganhou notoriedade entre os militares após seu nome ser mencionado em uma matéria da revista *Veja* sobre um possível envolvimento em manifestações contra o baixo salário militar. Assim, deu início à sua carreira na política tomando posse como Vereador do Rio de Janeiro, pelo Partido Democrata Cristão (PDC), em 1988. Aposentou-se como militar e foi eleito sete vezes Deputado Federal, cargo no qual permaneceu até janeiro de 2019. Logo em seu primeiro mandato concedeu uma entrevista ao jornal norte-americano *The New York Times*, na qual acusou a democracia brasileira de ser fraca, defendeu a ditadura, e declarou "Todo lugar que eu vou as pessoas me recebem e me tratam como um herói nacional". Mas sua popularidade consolidou-se apenas nas manifestações de 2013, nas quais foi um personagem presente nas críticas ao governo Dilma Rousseff. Em 2014, votou a favor do *impeachment* de Dilma, com uma fala polêmica:

Perderam em 64. Perderam agora em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve. Contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o foro de São Paulo, pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff.

⁸ *Cambridge Analytica* é uma empresa privada de análise de dados de comunicação estratégica para processo eleitoral.